



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**LÍNGUA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: O USO DO ALEMÃO NAS DÉCADAS  
DE 1950 E 1960 NA REGIÃO DE BLUMENAU-SC**

André Procópio Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** A Campanha de Nacionalização (1938-1946) é um episódio que persiste no imaginário de memória nas regiões afetadas por esta política pública que visava o silenciamento das línguas de origem europeia que não fossem o português. Para a população de origem alemã e seus descendentes, a língua se constituía em um dos principais pilares da definição identitária e étnica (SEYFERTH, 1981). Com o fim da Campanha e da Segunda Guerra, temos algumas tentativas e estratégias visando a retomada da língua alemã, especialmente através de práticas não escolares. Dado que as escolas em língua estrangeira têm sua atividade restringida no Brasil, qualquer retomada das escolas alemãs nas regiões que anteriormente ocupavam foi interdita. Desta forma, outros caminhos menos formais (como o teatro, o jornalismo, a literatura, o cinema e a oralidade) passam a ser empreendidos, quase que numa forma de subterfúgio, pelos imigrantes alemães e descendentes. É analisando historicamente os usos da língua alemã após a Campanha de Nacionalização que podemos compreender melhor as transformações que ocorreram na definição identitária destas populações de origem imigrante.

**Palavras-chave:** História do Tempo Presente, memória, identidade, língua alemã, Blumenau.

## INTRODUÇÃO

A motivação para a produção deste artigo está em compreender o que ocorreu com o uso da língua alemã após o período da Campanha de Nacionalização (1938-1946). Seria após este período repressivo que ocorreria de fato um declínio do uso público do alemão. Por ser o exercício da língua um dos pontos centrais da definição identitária alemã, compreender exatamente o que se passa com o idioma alemão após este período é algo fundamental para perceber as mudanças que ocorreram nas definições identitárias do que seria ter parte da identidade definida pelo *ser alemão*. É justamente a língua alemã e seu exercício o ponto

---

<sup>1</sup> Doutorando em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atua como professor na rede pública do estado de Santa Catarina desde 2019 com vínculo celetista. Este trabalho apresentado é uma adaptação do que já desenvolvi para o primeiro capítulo de minha tese a ser defendida em breve. E-mail de contato: andreprocopiogomes@gmail.com



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



central desta construção identitária que justificaria para estas pessoas a sua germanidade (SEYFERTH, 1981). O que, entendendo um enfoque mais detido para a cidade de Blumenau e região, é vital observar para compreender as transformações identitárias que ocorrem entre a Nacionalização e a consolidação de um turismo cenográfico marcado pela etnização através da festa e do turismo desta cidade brasileira (FLORES, 1997). Observando entre o final da década de 1930 e o final da década de 1970, percebemos a cidade de Blumenau se apresentando e sendo reconhecida como algo alemã, porém os elementos que acabam norteando esta identificação na década de 1930 são muito mais pautados pela prática da língua alemã, enquanto no final da década de 1970 é através das festas e pela cenografia montada na cidade através de decorações e políticas públicas favorecendo construções que simulassem elementos compreendidos genericamente como alemães, especialmente através dos famosos enxaimelóides<sup>2</sup>.

Indo aos arquivos e verificando as décadas de 1950 e 1960 foi possível perceber uma série de práticas que buscavam manter o alemão como uma importante língua exercida no espaço público da cidade, dando-se preferência para pessoas que falassem o alemão no momento de contratar funcionários, criando um circuito cultural expressivo em língua alemã e uma coluna em língua alemã no jornal diário *A Nação*, principal fonte para a confecção desta comunicação. Apesar da língua alemã claramente passar por um declínio em seu uso público durante a década de 1960, é interessante perceber este esforço pelo exercício do idioma alemão tão logo a Campanha de Nacionalização é encerrada. O que se observa neste período é o declínio do alemão nos espaços públicos, tornando-se cada vez mais algo da esfera privada e restrita a oralidade (perdendo a formalidade da leitura e escrita). Como é posto por Valéria Mailer, o “alemão transformou-se em língua da oralidade”, dado que “esta foi a forma de resistência encontrada pelos falantes do idioma para que ele não desaparecesse, também porque a oralidade é fluída e muito mais difícil de reprimir” (2003, p. 29). E esta oralidade na qual persiste a prática espontânea do alemão, é muito restrita a uma camada privada e íntima, seja devido ao núcleo familiar ou por ser praticado com pessoas próximas. Porém, durante as

---

<sup>2</sup> Enxaimelóide é uma das nomenclaturas utilizadas para tratar das construções que simulam a técnica de construção enxaimel. O enxaimel é uma técnica construtiva que baseia-se no uso de madeiras para definirem a estrutura da casa e de tijolos. Durante a década de 1970 uma série de leis de incentivo visavam construções que imitassem esta técnica construtiva, e como elas apenas buscavam reproduzir uma fachada sem adotar os elementos e funções estruturais típicos de uma construção enxaimel, ganharam este nome pois no grosso das vezes são imitações grotescas e fora de proporção do que seriam construções enxaimel legítimas. Um exemplo famoso de enxaimelóide é a própria prefeitura de Blumenau.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



décadas de 1950 e 1960 o uso do alemão persiste para além da oralidade, e notamos um esforço intencional em manter o idioma como algo minimamente comum no espaço público blumenauense.

### **A COLUNA ALEMÃ - *Die Deutsche Spalte***

A *Deutsche Spalte* foi publicada pela primeira vez em 8 de maio de 1953. Porém, a discussão em torno de sua existência iniciou alguns anos antes. No ano de 1947 ocorreu um debate nas páginas do periódico a respeito desta coluna. Sob o título de “Página Alemã” o jornal coloca que dentro de alguns dias e “objetivando uma ação cultural mais ampla e indo de encontro aos anseios da coletividade blumenauense e do Vale do Itajaí”, se “iniciará a publicação de uma página no idioma alemão”. Seus assuntos seriam variados e voltados para “às laboriosas zonas agrícola, pastoril e industrial deste Município e do Vale”, apesar de um foco maior nos colonos<sup>3</sup>, que estariam afastados do debate público por não existirem jornais que atendessem aos seus interesses. “O colono”, coloca o jornal, “necessita de ler e a nossa obrigação é trazê-lo, pelo jornal, ao nosso convívio, à nossa campanha de brasilidade”, o que é finalizado no parágrafo seguinte com o apelo de que “esperamos que a iniciativa deste jornal seja bem compreendida pelos patriotas sinceros” (A NAÇÃO, 06 de fevereiro de 1947, p. 8).

No dia seguinte, o jornal volta a publicar uma nota sobre o assunto. Novamente sob o título de “Página Alemã” é esclarecido que haviam sido mal interpretados e que, os membros do jornal não se dirigiram às “autoridades constituídas, ao exmo. sr. dr. Oscar Leitão, integro juiz de direito da comarca”, muito menos “ao exmo. sr. Irapuan Xavier Leal”, então comandante do quartel de Blumenau, “nem à sua oficialidade, os quais sabemos contrários a nossa iniciativa”, apesar de todos serem “dignos da nossa admiração pelo que têm feito em prol da nacionalização deste Vale”, também não se referiam ao “exmo. sr. dr. José Ribeiro de Carvalho, [...] promotor público, a quem, em breve teremos de recorrer”, nem ao Delegado Regional de Polícia ou ao prefeito Germano Beduschi<sup>4</sup> e “nem aos patriotas inteligentes e cultos e sinceros, que, felizmente, estão nos entendendo”. Ao final a nota explica que se

---

<sup>3</sup> O termo “colono” na região Sul é normalmente utilizado como referência aos habitantes das zonas rurais, que geralmente mantém características étnicas ligadas a sua origem imigrante. É comum falar “colono alemão/italiano/ucraniano/polonês” e etc, para se referir aos descendentes destas levas migratórias que habitam o interior e tiram seu sustento do meio rural.

<sup>4</sup> Germano Beduschi era o prefeito da cidade de Blumenau em 1947, porém não foi eleito pelo voto popular, sendo um rescaldo do Estado Novo.



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



direcionava “apenas a alguns indivíduos que, há dias passados, vinham provocando pessoalmente os membros da atual diretoria” do periódico (A NAÇÃO, 07 de fevereiro de 1947, p. 1). A discussão se prolonga, e pela terceira vez o título “Página Alemã” esclarece que, “a nossa Página Alemã sairá”, pois sua existência está de acordo com a Constituição, “caso contrário, não a faríamos nunca”. Reafirmam seu objetivo, que é antes de mais nada, “trazer o colono, desconhecedor do português, ao nosso convívio, a nossa nacionalidade”, e com isto “faremos, em alemão, uma verdadeira campanha nacionalizadora, pregando ao colono o estudo do vernáculo, o amor a terra e a história brasileiras”. No que o jornal se pergunta, “quem se oporá a isso?”. E, de pronto responde: “somente os energúmenos e os incapazes, os tolos e os imbecis, os arbitrários e os arrelentos” (A NAÇÃO, 08 de fevereiro de 1947, p. 1).

Segundo tudo indica, a publicização de uma Página alemã foi mal recebida pelas autoridades instaladas na cidade, em especial as do campo jurídico e militar. Sabemos que o 32ª Batalhão de Caçadores foi instalado em Blumenau no ano de 1939, para garantir a aplicação da Campanha de Nacionalização. Para garantir sua eficácia, os soldados instalados nestes novos quartéis eram originários de regiões distantes, sendo “a estratégia utilizada” a de “deslocar homens estranhos ou elementos heterogêneos ao meio, vindos do Norte e do Nordeste do país, já que os homens do sul eram considerados pouco confiáveis politicamente para a visão militar da época” (FÁVERI, 2004, p. 69). Quanto ao promotor público José Ribeiro de Carvalho, sua postura é ilustrada em outra nota sobre o assunto. Sob o título “Nada de ondas”, o periódico coloca que o referido promotor foi até a sede do *A Nação* para esclarecer a referência a sua pessoa na coluna anterior, o que segundo é posto, foi entendido pelo promotor como um ataque a sua pessoa. Conforme coloca o jornal, “sabemô-lo contra nós”, e continuam, “disse-nos S. S. que, ontem, hoje e sempre; esteve, está e estará contra a publicação de uma página alemã neste jornal” (A NAÇÃO, 11 de fevereiro de 1947, p. 1). A situação se mostrou sensível. E, como podemos compreender por uma publicação do jornal destacada em letras garrafais: “estamos com a lei que, neste instante garante a nossa integridade física e o patrimônio deste jornal”, afinal em 1946 tivemos a promulgação de uma nova constituição, a mais liberal até aquele momento. Em seguida esclarecem que “não requeremos, por enquanto, o mandato de segurança, mas, preventivamente comunicamos ao Exmo. Sr. Ten. Cel. Comt. do 32ª B.C., Irapuan Xavier Leal, o teor do telegrama que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



dirigimos a Secretaria de Segurança do Estado”, no qual pediam a garantia de segurança e integridade do jornal e seus funcionários (A NAÇÃO, 12 de fevereiro de 1947, p. 8).

Chama a atenção perceber a insistência do periódico *A Nação* em produzir e publicar uma página alemã em suas edições e como o anúncio desta intenção produziu dissabores com as autoridades constituídas na cidade. Conforme é apontado por Giralda Seyferth (1981) e Meri Frotscher (2003), é em torno da língua que a identidade alemã teve seu desenvolvimento no período anterior à Nacionalização, trata-se do *Deutschtum*. A situação encontrada no Brasil estava em diálogo com os movimentos políticos europeus. A Alemanha foi um dos últimos países europeus a se unificar, e esse é um dado importante para compreender a questão identitária que atravessa a germanidade – ou *Deutschtum*. O termo *Deutschtum*<sup>5</sup>, tão importante para compreender as discussões em torno da germanidade, era muito utilizado até a primeira metade do século XX, e busca definir a identidade alemã muito mais através de práticas culturais (com especial destaque para o uso da língua alemã), do que pelo território político habitado. Conforme é observado por Seyferth, *Heimat* (pátria) tem seu radical em *Heim* (lar), “supondo que a pátria é aquele lugar onde alguém vive” (2007, p.79). Permitindo alguém fora da Alemanha se entender como alemão, a partir das definições possibilitadas pelo entendimento do *Deutschtum*. Uma frase comum para indicar este vínculo identitário está na frase *a Alemanha é onde se fala o alemão*, que circulava em material germanófilo do começo do século XX. Cabe colocar ainda, que “dentro dessa concepção, uma pátria alemã pode ser territorializada através do pertencimento nacional “etnizado”, coisa que supõe um Estado pluralista” (SEYFERTH, 2007, p. 79), tornando perfeitamente aceitável a hifenização desta identidade, que não seria nem somente teuta e nem somente brasileira, mas teuto-brasileira.

Após a Segunda Guerra e a lei de Nacionalização, mais especificadamente entre as décadas de 1950 e 1960, Blumenau passará por dois movimentos identitários: 1) na dissociação da cidade com a germanidade através de odes à sua indústria e progresso, de forma que “não mais se expressava em público (nem seria conveniente) orgulho de ser alemão ou descendente, mas orgulho em relação ao progresso do município” (FROTSCHER, 2007, p. 221), no que seu parque industrial seria o grande exemplo, e 2) no entendimento dos EUA e

---

<sup>5</sup> Como o termo *Deutschtum* tem sua definição central em torno do ato de falar alemão, ele me parece mais apropriado para analisar esta questão identitária até a Nacionalização, enquanto germanidade me parece melhor para o momento posterior dado seu caráter mais generalista (povos germânicos não são única e exclusivamente alemães, mas se entende que seria algo ligado e próximo a isso).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



não da Europa, e muito menos da Alemanha derrotada e destruída, como fonte da modernidade, buscando uma associação maior com os EUA e, principalmente, seus produtos (CAREZIA, 2000). Podemos entender nestes dois movimentos que, um abandono da germanidade à qual a cidade estava associada era uma medida estratégica por parte das elites políticas e econômicas. O que percebemos nestes entraves postos em pequenos espaços do jornal diário *A Nação*, é que este movimento não ocorreu de forma tão rápida e homogênea assim. Afinal, ainda que de forma secundária e menos apaixonada do que ocorria na década de 1930, a germanidade não deixa de ser algo louvado. Ainda que de forma mais tímida do que ocorria até o silenciamento compulsório produzido pela Nacionalização.

Não foi encontrado nas edições seguintes maiores considerações a respeito desta Página Alemã, até ela aparecer como coluna sob o título *Deutsche Spalte* em 1953. Apesar da coluna ter seu anúncio em 1947 como voltada especialmente para os colonos e no intuito de divulgar questões patrióticas em língua alemã, prevaleceram as notícias da diplomacia internacional, economia (notadamente *commodities*, com forte destaque para o trigo que parece ser a grande promessa agrícola do período, mas discutindo manufaturados e finanças também) e política partidária, especialmente a alemã ocidental. Boa parte das notícias era originária das agências *United Press* (UP) e Meridional. Como em agosto de 1944 o jornal *A Nação* “passa a integrar a rede dos Diários Associados, comandada por Assis Chateaubrian” (DA SILVA, 1977, p.114), podemos afirmar que as notícias da *United Press* e da Meridional eram recebidas regularmente na sede do jornal, dado que os Diários Associados compravam notícias da UP e criaram a Meridional como uma alternativa nacional para a empresa estrangeira. Por sua vez, a redação do *A Nação* traduzia e adaptava as notícias para o alemão.

A coluna em si é bastante monótona, pois basicamente traduz para o alemão pequenos *releases* das agências jornalísticas, quase sempre se restringindo aos fatos do ocorrido. Algo pouco empolgante de se ler quando o assunto é o preço do trigo ou a produção de cimento no Brasil. Podemos compreender que este tipo de publicação se dava pelo mesmo motivo Blumenau tinha grande quantidade de assinaturas do jornal *O Estado de São Paulo*, “sobretudo pelo forte noticiário econômico, de interesse direto da classe empresarial” (PEREIRA, 1992, p. 69), situação que muda com a criação do Jornal de Santa Catarina na década de 1970. O que nos demonstra que a coluna não buscava atingir os colonos da região, como foi justificado antes da existência da *Deutsche Spalte*, mas acaba dialogando com as



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



pessoas de negócios da região. Que não seriam poucas e seriam as com capacidade financeira para comprar o periódico regularmente. E aqui é importante notar que, se por um lado a imagem do colono, este descendente de imigrantes que reside no interior e tira boa parte de seu sustento do campo, pode ser tanto uma família em dificuldades materiais consideráveis, quanto a do médio proprietário que conseguiu em alguns momentos da *Formação Econômica de Santa Catarina* (GOULARTI FILHO, 2002) acumular algum capital suficiente para uma vida de razoável conforto. Se atualmente o termo *colono* nos indica alguém nas franjas do processo de acumulação capitalista, neste período ele pode indicar também proprietários de casas comerciais, salões de baile, serrarias e outras fontes semelhantes de renda que ainda possibilitavam uma acumulação interessante de capital, mas que se esgotam conforme avança a segunda metade do século XX devido as transformações ocorridas, seja o trigo que nunca alcançou condições favoráveis para o plantio no Brasil, o processo de concentração do capital em grandes grupos, ou as matas destruídas, que já não provinham mais a mesma quantidade e qualidade de madeira. Porém, além da coluna alemã e suas notícias ligadas a economia e política, uma série de anúncios e classificados eram publicados em língua alemã, sendo as apresentações artísticas em alemão ou de grupos de países de língua alemã, um dos aspectos interessantes deste período.

## O TEATRO

Conforme Cynthia M. Campos, durante o período pré-Nacionalização Blumenau e Joinville tinham um considerável fluxo de importação de produtos culturais variados como “livros, calendários, filmes, companhias teatrais, grupos musicais, orquestras, material didático para as escolas e professores”, e com isto se preenchia “a vida cultural dos habitantes das cidades de Blumenau e Joinville” (2006, p. 231). O que percebemos aqui neste recorte pós-Nacionalização, é um esforço por esta retomada de um circuito cultural em torno da língua alemã. Ainda que fossem apresentações que não dependiam do domínio da língua alemã, como quando os meninos cantores de Viena, os “Wiener Sängerknaben” (A NAÇÃO, 09 de abril de 1961, p. 4) se apresentaram na cidade, é interessante observar a preferência por artistas vindos deste espaço linguístico. Porém, duas das atrações artísticas mais recorrentes eram *Die Deutschen Kammerspiele* de Santiago no Chile, e o Grupo Teatral Independente de Curitiba, dois grupos de teatro amador que apresentavam suas peças em alemão.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Os dois grupos tinham certas características em comum, ambos eram formados em sua absoluta maioria por alemães recém emigrados e que possuíam um nível bastante alto de qualificação artística, já tendo trabalhado com teatro ou música quando viviam na Europa. Porém, é interessante observar como o teatro acabava não sendo a principal fonte de renda dos integrantes destas duas trupes, e por isso podem ser caracterizados como grupos amadores, afinal não era esta atividade a sua principal fonte de sustento. Houve toda uma leva de alemães emigrados para a América Latina no pós-guerra, pois de maneira geral acabavam conseguindo boas colocações em países que não foram destruídos na guerra, ao contrário do que encontravam nas Alemanhas em reconstrução. Neste convívio, os grupos de teatro acabavam sendo uma importante forma de confraternização destes desterrados, que ao mesmo tempo encontraram uma plateia de descendentes de alemães que dominavam o idioma o suficiente para se interessarem por estas peças (LANGE, 2006). Tanto o *Die Deutschen Kammerspiele* (Teatro da Câmara Alemão), quanto o Grupo Teatral Independente faziam turnês visitando especialmente cidades com população de origem alemã, sendo o *Die Deutschen Kammerspiele* notavelmente mais bem financiado em suas turnês, chegando a realizar suas viagens de avião por todas as Américas. Enquanto o Grupo Teatral Independente chegou a locar ônibus para realizar suas turnês pelos estados do Sul, mas chegou a ter que utilizar os veículos dos próprios membros da trupe para realizar seu deslocamento, nos indicando um caráter de financiamento mais modesto para suas turnês.

Um dos aspectos interessantes é que podemos perceber todo um esforço pela manutenção do idioma alemão de forma clara. Por exemplo, quando no programa da peça *Jedermann* do Grupo Teatral Independente é colocado que a peça era encenada internacionalmente apenas em alemão, pois não havia como traduzir seu sentido para outra língua, “Jedermann wird auf den internationalen Bühnen nur in deutscher Sprache aufgeführt, da das Werk noch nicht in eine fremde Sprache übersetzt worden ist” (AHJFS, Fundo Memória da Cidade, 9.11.2.4.1). Apesar de ser uma observação discreta, temos uma valoração da língua alemã e seu uso, aspecto fundamental para definir esta identidade conforme já vimos.

Apesar de encontrarem bastante sucesso e boa recepção quando começaram sua atividade no final da década de 1950, o que se percebe é que conforme a década de 1960 avança as apresentações e visitas de grupos artísticos de territórios ou em língua alemã



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



começam a escassear. Um dos aspectos que os membros dos dois grupos reclamavam era a dificuldade em representar peças mais modernas e que não fossem necessariamente comédias, pois havia um claro desinteresse do público neste sentido. Em alguma medida, isto se dava por um domínio de vocabulário, já que apesar de dominarem e fazerem uso da língua alemã, a inexistência de escolas alemãs como as que haviam antes da Nacionalização, dificultavam o aprendizado do alemão de maneira mais formal e conseqüentemente de se adquirir um vocabulário mais extenso do que o necessário para as conversas privadas do dia a dia. O que já não seria o caso de alemães recém emigrados e com sólida educação, como seria o caso dos integrantes destas trupes. Além disso, outra dificuldade considerável estava em conseguir público o suficiente para tornar as sessões viáveis conforme a década de 1960 avançava. Sendo interessante observar que quando ocorreram as primeiras apresentações, houve um grande interesse do público e era comum a realização de mais de uma sessão quando visitavam uma cidade, porém estas sessões não só diminuem como passa a se tornar um desafio encontrar auditórios com o tamanho adequado para um público cada vez menor.

É aqui que podemos perceber o esforço coletivo do trabalho acadêmico, mesmo que a escrita e a pesquisa seja um processo solitário na maior parte do tempo. Devido ao acesso privilegiado de Fernanda Baukaut Silveira ao espólio de Willi Polewka (o diretor e fundador do Grupo Teatral Independente), a pesquisadora teve contato com os relatórios produzidos pelo grupo que documentou a frequência de espectadores as suas peças. Nestes relatórios, é possível perceber que conforme a década de 1960 avançava, a plateia do Grupo Teatral Independente diminuía (SILVEIRA, 2012, p. 59). Neste período o Teatro Carlos Gomes (principal teatro de Blumenau) não possuía o seu pequeno auditório (construído em 1968<sup>6</sup>), e a dificuldade para encher um grande auditório com capacidade para 784 pessoas foi um verdadeiro empecilho. O que podemos imaginar que não se restringia ao Grupo Teatral Independente, dado que o uso da língua alemã em geral, diminui sua frequência nas páginas do periódico *A Nação*. Também se percebe uma diminuição considerável de peças de teatro em língua alemã sendo anunciados no periódico *A Nação* ao longo da década de 1960. Cada vez mais, este tipo de atividade se restringia ao esporádico ou a círculos muito específicos, como os produzidos pelos Centros Culturais 25 de julho até hoje.

---

<sup>6</sup> Conforme informado no sítio eletrônico do Teatro Carlos Gomes: <http://www.teatrocarlosgomes.com.br/o-teatro/ampliacoes-e-reformas>



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Além da diminuição de público, outra dificuldade é que a partir da instauração da Ditadura Militar no Brasil em 1964 temos a censura, que foi endurecida em 1967, sendo este um fato “marcante para o Grupo Teatral Independente, influenciando negativamente seu trabalho, já que, além de todos os procedimentos comuns aos outros grupos brasileiros de teatro, suas peças deveriam ser traduzidas para o idioma português, para serem submetidas à liberação” (SILVEIRA, 2012, p. 23). E somado a isto, uma Alemanha Ocidental já reconstruída e passando por um milagre econômico se mostrava mais atrativa que as ditaduras que começam a se instaurar por toda América Latina, favorecendo o regresso de muitos destes alemães emigrados no período pós-guerra.

## **CONCLUSÃO**

O que vamos perceber é uma série de medidas que visavam manter e recuperar a importância da língua alemã nos espaços públicos, pois ela era compreendida como elemento central de uma identidade. É o elemento comum a esta discussão que se encontra nos mais variados grupos políticos que debatiam o que seria ser alemão, e que também resolvia de forma prática a definição identitária de uma população que não vivia coesa em um único território. Porém, com a Nacionalização iniciada durante o Estado Novo, não só as Escolas Alemãs foram fechadas, como ocorreu uma perseguição ao ato de praticar o alemão, seja falando ele em público ou possuindo material de leitura neste idioma. Reprimiram um elemento importante para a definição da identidade alemã.

Com o processo de redemocratização, apesar de ainda não serem permitidas escolas bilíngues, a manutenção da língua alemã e a sua ocupação nos espaços públicos passa a encontrar bastante dificuldade, e passa a não só ser algo cada vez mais incomum como também restrito a oralidade e ao ambiente privado. Os esforços para que a língua alemã ocupasse espaços públicos como as páginas de um jornal diário, encontraram oposição por parte das autoridades constituídas. Ainda assim, se insistiu em práticas que promovessem este uso público do alemão, como ao publicar uma coluna com notícias em alemão ou convidando grupos artísticos que ou vinham de países de língua alemã (Alemanha, Áustria e Suíça), ou que mesmo estabelecidos na América do Sul, realizavam suas apresentações em alemão.

Porém, estes esforços pela presença da língua alemã em espaços públicos e formais, ainda que superando as adversidades encontradas, não foram suficientes para que o alemão



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



continuasse a ser algo comum nas ruas de Blumenau. Vários elementos explicam este processo de esvaziamento do alemão dos espaços públicos, afinal conforme a década de 1960 avançava o público consumidor de peças em língua alemã diminuía. Além das ditaduras configurarem um quadro desfavorável que levou muitos dos alemães recém emigrados a regressarem, temos a chegada e a popularização dos meios de comunicação de massa. Há toda uma proliferação de revistas, jornais, programas e canais de rádio e de televisão aparecendo neste período, tornando cada vez mais atrativo dominar o português. Também não podemos esquecer que muitos destes falantes orgânicos de alemão o aprendiam em casa, com seus pais, e não se pode ignorar a quantidade de diferentes dialetos existentes e trazidos pra cá durante a vinda destes imigrantes. A dificuldade para estabelecer uma conversa inteligível entre dois dialetos pode ser ao ponto de se preferir falar outro idioma. E no caso brasileiro o português é de fato a língua franca.

Basicamente, apesar de esforços pela manutenção do alemão enquanto uma língua de exercício público e que ocupasse espaços mais formais (como peças de teatro ou texto em jornais), conforme ocorre uma nova configuração de sociedade surgindo associada a ausência de escolas alemãs onde se pudesse aprender a ler e escrever o alemão, o idioma tanto deixa de ser algo comum quanto passa a ser restrito a esfera privada e presa a oralidade. Por isso que é apenas durante a década de 1970, momento em que este processo está consolidado, que outros elementos passam a ser considerados no momento de se justificar algo germânico, dada que esta é uma afirmação que continuou a ocorrer mesmo após um declínio de algo tão importante quanto o exercício da língua alemã. E não se pode esquecer, trata-se de um processo concomitante a consolidação a atividade turística na região, imbricando assim a questão identitária com a turística, dada a sua produção cenográfica de uma cidade alemã atrativa para os visitantes. Ainda que de forma acidental, foi através da cenografia turística que se encontrou os elementos para continuar a justificar uma identidade hifenizada, ainda que seja ignorando elementos centrais defendidos até poucas décadas, para adotar elementos que não eram considerados até aquele momento. E desta forma, falar alemão passa a ser muito mais uma curiosidade e algo incomum, do que um elemento central na definição de uma identidade, que conseguia se justificar a partir de novos elementos.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## REFERÊNCIAS

### Bibliografia

- CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). in: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (org). **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes.** Blumenau: Nova Letra, 2000.
- DA SILVA, José Ferreira. **Imprensa em Blumenau.** Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.
- FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina.** Itajaí: Editora da UNIVALI; Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950).** Florianópolis, 2003. 279 páginas. Tese em História. Florianópolis: PPGH-UFSC.
- FROTSCHER, Méri. **Identidades móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950).** Blumenau: Edifurb, 2007.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp.** Florianópolis: Letras contemporâneas, 1997.
- GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- LANGE, Nicola. **Ein deutschsprachiges Tournee-Ensemble in Lateinamerika: Die Deutschen Kammerspiele.** München: Grin Verlag, 2006.
- MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania.** Florianópolis, 2003. 96 páginas. Dissertação em linguística. CPGL-UFSC.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli: FCC Edições, 1992.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí.** Florianópolis: Fundação catarinense de cultura, 1981.
- SEYFERTH, Giralda. O vale do Itajaí e a política imigratória do Império. **Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos,** Blumenau, nº11/12, Tomo XLVIII, p.57-82, nov/dez 2007.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



SILVEIRA, Fernanda Baukat. **Teatro amador em língua alemã: o grupo teatral independente de Curitiba (1948-1968)**. Curitiba, 2012. 240 páginas. Dissertação em letras. PPGL-UFPR

### Fontes

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva** (Blumenau, SC)

- Fundo Memória da Cidade: Dossiê “Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes” (9.11.2)

**Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina** (Florianópolis, SC)

- Periódico A NAÇÃO de janeiro 1946 até julho de 1961.